ISSN: 2358-8829

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EJA: UM OLHAR A PARTIR DA OBSERVAÇÃO

Milena Maria de Barros Silva [1]
Lygia de Assis Silva [2]

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) configura-se como um direito fundamental e uma modalidade da educação básica marcada por uma trajetória histórica de tensões entre o legalmente instituído e a realidade vivida no cotidiano escolar. Conforme apontam Silva e Watanabe (2026), a análise das Constituições Federais brasileiras revela um movimento contínuo de oscilação entre o ideal democrático e a efetiva garantia do direito à educação, em que os marcos normativos muitas vezes não se traduziram em políticas públicas capazes de erradicar as desigualdades de acesso e permanência. Diante dessa dívida social, Freire (1996) defende uma prática educativa pautada na ética, na conscientização e no respeito à autonomia do educando, assegurando que o ato pedagógico não se reduza à mera transferência de conteúdos, mas se constitua como um processo emancipatório no qual educador e educando aprendem juntos em um diálogo crítico com a realidade.

A presente pesquisa dedica-se a investigar as dinâmicas pedagógicas, o clima relacional e as estratégias de ensino-aprendizagem vivenciadas em uma turma do Módulo 2 da EJA em uma escola pública do Estado de Pernambuco. A relevância deste estudo reside na necessidade de compreender as especificidades desse público, composto por sujeitos que retornam à escola carregando trajetórias marcadas pela interrupção dos estudos, e na urgência de problematizar os desafios reais do processo de alfabetização e letramento nessa modalidade. Nesse sentido, o trabalho tem como objetivo geral analisar a relação entre o acolhimento afetivo, o uso da observação investigativa na formação docente e as práticas de ensino voltadas à superação das

[1] Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, milena.barross@ufpe.br;
[2] Doutora em Educação Matemática e Tecnológica da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, lygia.silva@ufpe.br.

dificuldades de leitura, escrita e raciocínio lógico-matemático enfrentadas pelos estudantes.

O estudo adota uma abordagem qualitativa de cunho exploratório e descritivo, fundamentada na pesquisa de campo. A coleta de dados foi estruturada a partir da observação em sala de aula e da realização de uma entrevista semiestruturada com a professora regente da turma.

A pesquisa revela que o ambiente investigado se destaca pelo acolhimento, escuta e colaboração mútua, fatores indispensáveis para o fortalecimento da autoestima e a permanência dos educandos na escola. O momento avaliativo, ao ser ressignificado pela postura mediadora da docente e da auxiliar, assumiu um caráter eminentemente formativo. Contudo, a análise desvelou uma contradição central: embora a dimensão afetiva seja fundamental, ela precisa ser acompanhada de estratégias metodológicas consistentes. As dificuldades acentuadas em interpretação textual e conceitos matemáticos básicos evidenciam que o simples suporte afetivo não supre a necessidade de um trabalho sistemático focado na reflexão fonológica e no letramento funcional (MOURA, 2001).

O trabalho desenvolvido reafirma a importância da observação crítica na formação docente para desvelar o cotidiano escolar e conclui que a consolidação da EJA como espaço de inclusão exige o equilíbrio entre o acolhimento humano e o rigor metodológico. Apenas por meio dessa articulação é possível assegurar que os sujeitos da EJA transitem da garantia formal do direito à educação para o exercício efetivo de uma cidadania autônoma e emancipada.

METODOLOGIA

A primeira etapa do trabalho consistiu em uma observação de campo, conduzida no âmbito de uma turma do Módulo 2 da EJA de uma escola pública de Pernambuco. Essa inserção direta na rotina escolar permitiu registrar o contexto educacional em sua totalidade, abarcando desde a estrutura física e organizacional da instituição até os aspectos relacionais manifestados no cotidiano pedagógico. Durante o período de observação, buscou-se captar a dinâmica de funcionamento da sala de aula, o nível de engajamento dos alunos, a assiduidade e os desafios cotidianos enfrentados pelos estudantes.

ISSN: 2358-8829

No início de uma atividade avaliativa, observou-se que a professora solicitou que os alunos escrevessem seus próprios nomes e o nome da docente. Demonstrando sensibilidade às dificuldades da turma, a professora auxiliou individualmente aqueles alunos que encontraram obstáculos nessa etapa inicial. Na sequência, a docente, em conjunto com a auxiliar regente, explicou cada questão da atividade de forma detalhada, realizando a leitura e a interpretação dos enunciados, adaptando a linguagem e oferecendo pistas para facilitar a compreensão dos conteúdos.

Durante o processo de aplicação do instrumento avaliativo, ficou evidente que os estudantes apresentaram dificuldades significativas de interpretação, cálculo e compreensão dos conceitos básicos de matemática. A análise desse contexto demonstrou que o momento avaliativo, mais do que uma função mensuradora de desempenho, configurou-se como um momento de acompanhamento e intervenção pedagógica direta. A postura da professora manteve-se essencialmente mediadora, voltada ao incentivo e à promoção da aprendizagem, respeitando o ritmo individual das alunas e reforçando o caráter formativo da avaliação na EJA.

Como instrumento complementar de coleta de informações, utilizou-se a entrevista com a professora regente da turma através de roteiro planejado. Esse recurso investigativo contribuiu significativamente para a compreensão do funcionamento das aulas, dos desafios enfrentados e das estratégias adotadas no cotidiano pedagógico. Durante o encontro, a docente mostrou-se acolhedora, atenciosa e disponível, respondendo a todas as indagações com clareza e gentileza. Segundo o relato da professora, a organização das aulas busca respeitar o ritmo singular de cada estudante, considerando as limitações decorrentes de trajetórias educativas anteriormente interrompidas.

A regente explicou a estrutura do planejamento, a metodologia utilizada e a centralidade do vínculo afetivo para garantir que os estudantes se sintam motivados a frequentar as aulas e permanecer na escola. Entre os principais desafios vivenciados no cotidiano da modalidade, a professora destacou a baixa frequência, as dificuldades no processo de alfabetização e a necessidade constante de adaptação das atividades propostas. Apesar de tais obstáculos, a docente afirmou que a experiência na EJA é profundamente significativa e enriquecedora, sobretudo por possibilitar o acompanhamento de histórias de superação e conquistas pessoais dos alunos.

O conjunto de dados reunidos mediante a observação e a entrevista foi submetido a um criterioso processo de análise qualitativa. Nessa etapa final, buscou-se articular a descrição detalhada das evidências encontradas em campo com uma interpretação crítica dos significados sociais e pedagógicos do fazer educativo. A análise permitiu distanciar-se da mera constatação empírica para construir uma reflexão aprofundada acerca do papel da mediação pedagógica, do impacto dos vínculos afetivos no processo de permanência dos estudantes e da função social da escola no resgate da autoestima e na garantia do direito à educação.

REFERENCIAL TEÓRICO

Educação de Jovens e Adultos: Sujeito, Afetividade e Processos de Ensino-Aprendizagem

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) configura-se como um campo de lutas históricas e políticas, marcado pela constante tensão entre o direito constitucionalmente garantido e a sua efetivação nas redes públicas de ensino. Ao analisarem a trajetória das Constituições Federais brasileiras, Silva e Watanabe (2026) apontam que, embora a legislação tenha avançado progressivamente no reconhecimento da EJA como dever do Estado e direito fundamental, persistem lacunas históricas entre a norma jurídica e a realidade das salas de aula. Essa dicotomia entre o plano legal e o real resultou em políticas frequentemente descontínuas, muitas vezes marcadas por visões compensatórias que secundarizam a especificidade dessa modalidade (SILVA; WATANABE, 2026). Em consonância, Galvão e Soares (2005) destacam que as campanhas e programas de alfabetização de adultos no Brasil oscilaram historicamente entre modelos funcionais/mecanicistas e propostas voltadas à formação cidadã, evidenciando a necessidade permanente de resgatar a função reparadora e equalizadora da EJA.

Diante desse cenário, a pedagogia libertadora de Freire (1987; 1996) oferece o arcabouço teórico para a compreensão do ato educativo como prática da liberdade e da autonomia. Freire (1996) postula que a prática docente exige o respeito aos saberes dos educandos, a rejeição a qualquer forma de discriminação e o compromisso com a ética e a escuta afetuosa. Contrapondo-se à "educação bancária", na qual o estudante é visto

ISSN: 2358-8829

como um receptáculo passivo de informações, Freire (1987) defende uma educação problematizadora, em que o diálogo e o vínculo afetivo entre educador e educando constituem a base para a leitura crítica do mundo. A construção de um ambiente acolhedor não representa um mero recurso empático, mas uma exigência epistemológica e política para que jovens e adultos superem os estigmas da exclusão e permaneçam no espaço escolar.

Do ponto de vista das dinâmicas cognitivas e culturais, Oliveira (1999) enfatiza que os estudantes da EJA são sujeitos de conhecimento singulares, cujas trajetórias de vida e inserção no mundo do trabalho lhes conferem saberes complexos e prévios. A autora alerta para o equívoco de tratar a alfabetização e a escolarização do adulto como uma mera repetição das etapas infantis, destacando que os processos de aprendizagem na maturidade exigem estratégias pedagógicas que respeitem a lógica, o ritmo e as estruturas de pensamento já consolidadas por esses sujeitos (OLIVEIRA, 1999).

No âmbito da apropriação da escrita alfabética e do raciocínio matemático, Moura (2001) demonstra que o Sistema de Notação Alfabética (SNA) deve ser compreendido como um objeto conceitual a ser reconstruído pelo aprendiz, e não como um simples código de correspondência grafofônica. A autora critica a hegemonia dos métodos silábicos e a tendência de reduzir o texto a um pretexto para o isolamento de palavras, defendendo que o ensino na EJA precisa articular a reflexão fonológica e a análise das propriedades do sistema de escrita às práticas sociais de letramento. Essa mesma perspectiva estende-se ao ensino da matemática e aos processos avaliativos: a avaliação, quando desprovida do caráter punitivo e assumida em sua dimensão formativa e mediadora, passa a atuar como um momento de acompanhamento contínuo e intervenção pedagógica orientada (FREIRE, 1987; MOURA, 2001).

A Formação Docente e o Olhar Observador

A formação inicial e continuada de professores exige o exercício constante de articulação entre a fundamentação teórica acadêmica e a realidade multifacetada das instituições escolares. Nesse contexto, o estágio supervisionado e as práticas de inserção no cotidiano escolar encontram na observação participante um instrumento metodológico e formativo de relevância central.

ISSN: 2358-8829

De acordo com Santos (2025), a observação no processo de formação acadêmica ultrapassa a mera contemplação passiva ou a simples descrição impressionista do espaço escolar. Trata-se de uma postura investigativa e reflexiva que permite ao futuro docente ler a complexidade das interações em sala de aula, problematizar os métodos adotados e compreender os condicionantes socioemocionais que afetam o ensino e a aprendizagem (SANTOS, 2025). A observação sistemática possibilita desvelar os aspectos implícitos da práxis pedagógica, como o clima relacional, o uso do tempo, as formas de mediação avaliativa e o manejo das dificuldades individuais, transformando o cotidiano escolar em objeto de estudo e reconstrução teórica.

A postura observadora e analítica viabiliza o confronto crítico entre o discurso pedagógico e a prática efetivamente realizada, como ilustrado por Moura (2001) ao investigar a rotina das turmas de EJA e identificar os descompassos entre a intenção docente e a consolidação do letramento. Ao articular a escuta atenta, o registro detalhado e a reflexão teórica, a observação participante consolida-se como uma ferramenta de aprendizagem indispensável para a construção da identidade profissional do educador, promovendo uma formação docente comprometida com a ética, a sensibilidade e a transformação da realidade educacional (SANTOS, 2025; FREIRE, 1996).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados empíricos obtidos durante a observação da turma, revelam um ambiente escolar pautado pelo acolhimento, pela escuta ativa e pelo forte espírito de colaboração entre os alunos, a professora regente e a auxiliar. Em um contexto marcado por trajetórias escolares anteriormente interrompidas, a construção de vínculos afetivos sólidos atua como um pilar indispensável para garantir a permanência dos estudantes e mitigar os índices de evasão escolar. A dinâmica observada demonstra que a criação de uma rede de apoio mútuo em sala de aula transforma a vivência escolar em um espaço seguro de trocas, onde a escuta e o respeito encorajam os sujeitos a enfrentarem as dificuldades inerentes ao processo de reaprendizagem.

Essa perspectiva acolhedora ganhou destaque central durante a realização da avaliação formal, momento em que ficaram evidentes as limitações significativas dos estudantes no que tange à interpretação de textos, ao raciocínio lógico-matemático e à

ISSN: 2358-8829

compreensão de conceitos básicos. Em vez de assumir um papel punitivo ou meramente classificatório, o processo avaliativo foi ressignificado na prática, transformando-se em uma oportunidade de mediação e intervenção pedagógica direta. A atuação próxima da docente e da auxiliar, ao oferecer suporte individualizado e incentivo contínuo, demonstrou que a avaliação na EJA precisa respeitar o ritmo singular de desenvolvimento de cada sujeito, priorizando o acompanhamento formativo e humano em detrimento da mera mensuração de rendimento.

Por outro lado, a entrevista concedida pela professora responsável permitiu aprofundar a compreensão das estratégias metodológicas adotadas no cotidiano escolar, evidenciando o esforço contínuo em adaptar o planejamento às limitações decorrentes da defasagem escolar dos alunos. No entanto, a análise conjunta entre a fala docente e a observação prática aponta para uma lacuna persistente: embora o acolhimento afetuoso seja fundamental para a motivação e a permanência, ele precisa estar intrinsecamente articulado a metodologias que promovam a efetiva apropriação do sistema de escrita alfabética e do letramento funcional. A simples flexibilização de ritmo ou o suporte pontual durante as tarefas não garantem, por si sós, a superação do analfabetismo funcional se não houver um trabalho sistemático de reflexão sobre as estruturas da língua e dos conceitos matemáticos básicos.

Nesse sentido, os achados da pesquisa indicam a urgência de superar abordagens que reduzam o ensino a treinos mecânicos ou à simplificação excessiva de conteúdos diante das dificuldades apresentadas pela turma. A heterogeneidade do público da EJA, evidenciada pela convivência entre jovens e adultos com diferentes níveis de aprendizagem, exige o desenvolvimento de materiais didáticos e propostas curriculares verdadeiramente pensados para a especificidade dessa modalidade. A observação sistemática e rigorosa permitiu desvelar que o avanço acadêmico dos estudantes depende de uma prática pedagógica que equilibre a sensibilidade no acolhimento humano com o rigor metodológico no ensino dos conteúdos formais, assegurando a esses sujeitos não apenas o direito de frequentar a escola, mas o acesso pleno ao conhecimento e à cidadania.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

ISSN: 2358-8829

A observação feita reitera a complexidade e a urgência de olhar para a Educação de Jovens e Adultos a partir de uma perspectiva que integre a dimensão afetiva, a especificidade dos sujeitos e o compromisso com a aprendizagem real. A investigação permitiu constatar que a construção de um ambiente escolar acolhedor e pautado pelo respeito mútuo é a base fundamental para garantir o engajamento e a permanência de alunas e alunos que carregam marcas de trajetórias educacionais interrompidas. No entanto, o clima de cooperação e o vínculo afetivo entre docentes e estudantes, embora indispensáveis, constituem apenas o ponto de partida para a verdadeira inclusão educacional.

A análise das práticas observadas e do diálogo com a regente evidenciou que a avaliação precisa se consolidar de forma contínua como um instrumento de diagnóstico e intervenção mediadora, distanciando-se de caráter meramente punitivo ou classificatório. Paralelamente, ficou demonstrado que o enfrentamento das dificuldades na leitura, na escrita alfabética e no raciocínio matemático exige superação de abordagens mecânicas, reducionistas ou infantilizadas. O suporte individualizado precisa estar alinhado a metodologias robustas de reflexão fonológica, letramento funcional e desenvolvimento do pensamento crítico, respeitando os conhecimentos prévios e a maturidade dos educandos.

A observação consolidou-se, portanto, como uma ferramenta investigativa e reflexiva de extrema relevância no percurso de formação acadêmica. Ela viabilizou o confronto produtivo entre as formulações teóricas e as contradições do cotidiano escolar, revelando a distância que muitas vezes ainda separa a intenção pedagógica da consolidação dos saberes em sala de aula. Conclui-se que o fortalecimento da EJA passa inevitavelmente pelo investimento na formação docente continuada, na elaboração de materiais didáticos específicos para esse público e no firme compromisso de assegurar a esses sujeitos não apenas o direito de estar na escola, mas o acesso pleno e autônomo ao conhecimento formal e à cidadania.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos, Observação, Entrevista, Prática Pedagógica, Vínculo Afetivo.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; SOARES, Leôncio José Gomes. História da alfabetização de adultos no Brasil. *In*: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (Org.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. Vol. III: Século XX. Petrópolis: Vozes, 2005.

MOURA, Dayse Cabral de. **Por trás das letras: as concepções e práticas de ensino do sistema de notação alfabética na EJA**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação**, n. 12, p. 59-73, 1999.

SANTOS, Francisco Batista dos. A observação como ferramenta de aprendizagem: reflexões sobre o estágio supervisionado I do curso de Letras Língua Portuguesa EaD/UERN. **Cadernos de Estágio**, v. 7, n. 3, 2025.

SILVA, Marta Miranda; WATANABE, Yumi Nascimento. Educação de Jovens e Adultos (EJA) nas Constituições Federais brasileiras: entre o ideal, o legal e o real. **Educação em Revista**, v. 42, e51087, 2026. DOI: 10.1590/0102-469851087. Disponível em: https://www.scielo.br/j/edur/a/4845wPRQG3fzgrLgjrywHTn/. Acesso em: 28 set. 2026.